

O MÉTODO GEOMÉTRICO ANTICARTESIANO DE ESPINOSA

ARTUR CARDOSO *

Introdução

Num esforço inicial para caracterizar o *Tratado da Emenda do Intelecto*, podemos dizer que é um curto texto onde Espinosa investiga os primeiros passos de sua própria reflexão filosófica. O texto inicia com uma reflexão pessoal sobre as motivações do filósofo, que o levaram a abandonar o senso comum de sua época sobre aquilo que seria bom e buscar “[...] algo que fosse um bem verdadeiro e comunicável de si, somente pelo qual, rejeitado todos os demais, o ânimo fosse afetado” (Espinosa, 2015, p. 27). A partir daí, o autor nos leva a percorrer um caminho de questionamentos que adquirem cada vez mais profundidade filosófica. Esse percurso envolve a explicitação sobre o real significado de “bem” e “mau” (*Ibid.*, p. 33), e sobre nossas formas de perceber e conhecer não somente o mundo como a nós mesmos (*Ibid.*, p. 37).

Nessas primeiras páginas um leitor poderia notar certa semelhança as *Meditações Metafísicas* de Descartes. Isso porque ambos os textos mostram um autor que inicia sua investigação filosófica a partir de uma motivação e um exercício reflexivo profundamente pessoais, e através de uma dúvida acerca das concepções dadas pela sociedade. Essa proximidade pode ser endossada na medida em que Descartes e Espinosa não só viveram no mesmo período mas, também, no fato de que Espinosa foi um assíduo leitor da filosofia cartesiana, como podemos confirmar em seu texto *Princípios da Filosofia Cartesiana*. Isso se explica ao considerarmos que Descartes viveu um período considerável na Holanda, onde publicou bastante e seu pensamento encontrou terreno fértil para se difundir. Contudo, apesar dessa proximidade temporal, espacial e estilística entre os dois filósofos, a reflexão que aqui se

deseja fazer tem como objetivo ressaltar uma fratura nessa aproximação.

Mas onde se localiza essa fratura? Para isso precisamos retornar ao percurso do *Tratado da Emenda do Intelecto*, no momento e que Espinosa primeiramente coloca a questão acerca de seu método de investigação: “[...] depois que conhecemos qual conhecimento nos seja necessário, há que se trazer agora a Via e o Método pelo qual conheceremos as coisas que, por tal conhecimento, cumpre conhecer” (*Ibid.*, p. 43). Aqui, Espinosa expõe sua forma de pensar qual seria o melhor método para seus objetivos investigativos. A partir daí, desde o primeiro momento, no qual Espinosa desarma o problema colocado por Descartes sobre a necessidade de um método superior para decidir qual o melhor método, até a reconstrução espinosana da imagem do ferreiro usada por Descartes como exemplo metafórico, Espinosa revela uma concepção de método profundamente anticartesiana. Ou seja, nas páginas do *Tratado da Emenda do intelecto*, Espinosa constrói um “método geométrico anticartesiano”. Isso porque mesmo que a forma do raciocínio filosófico espinosano possua uma inegável inspiração geométrica, como vemos na *Ética* por exemplo, a metodologia de Espinosa vai contra um princípio básico da cartesiana. Contudo, para que esse caminho seja adequadamente exposto, devemos primeiramente explicitar a noção de método espinosana.

A Concepção de Método Espinosana

[...] para que se descubra o melhor Método de investigar o verdadeiro não é mister um outro Método para que se investigue o Método de investigar o verdadeiro; e para que se investigue este segundo Método, não é mister um outro terceiro, e assim ao infinito, pois, de tal modo, nunca se chegaria ao conhecimento verdadeiro, mais ainda, a conhecimento algum. (*Ibid.*, p. 43).

* Mestrando em Filosofia na Universidade de São Paulo - USP

A partir do trecho acima que Espinosa começa a descrição do que ele pensa o método para a reflexão filosófica por excelência. Já nesta primeira colocação, percebemos que o método espinosano não se trata de algo a ser escolhido. Se o melhor método para a investigação pudesse ser selecionado, a falta de um critério para essa seleção causaria a necessidade de um método superior de decisão para escolhermos o método mais adequado. Essa necessidade de um método superior continuaria ao infinito, impedindo qualquer produção de conhecimento, como o próprio Espinosa explicita. Então, o método espinosano deve possuir um caráter especial para escapar ao problema da necessidade de um método superior e sua infinita regressão. Ou seja, ele deve ser, em sua própria constituição, já o melhor método, de uma maneira que parâmetros contingentes não precisem ser estabelecidos para justificar o caráter mais adequado do método em questão.

Em outras palavras: o método deve ser verdadeiro por sua natureza, e não por um parâmetro externo a ele. Nesse sentido, Espinosa dá um passo atrás em seu raciocínio e toma a ideia verdadeira como fundamento. Espinosa afirma que temos uma ideia verdadeira e ela não é o mesmo que seu ideado, ou seja, “[...] algo é o círculo, algo outro é a ideia do círculo” (*Ibid.*, p. 45), por exemplo. Isso porque a ideia do círculo não possui periferia ou centro como é o caso de seu ideado (o círculo). Então, Espinosa explica essa relação entre ideia e ideado afirmando que uma ideia verdadeira é a essência objetiva de seu ideado, mas ela é em si mesma algo tão real quanto seu ideado. Isso é importante na medida em que a ideia também se torna algo inteligível e não apenas seu ideado. Ou seja, Espinosa ressalta que o movimento de conhecer e “reconhecer o conhecimento” (saber que sabe) são distintos. Além disso, uma ideia, por sua vez, também terá sua “ideia da ideia do ideado”, e assim por diante num movimento infinito.

O que Espinosa quer evidenciar colocando essas reflexões? Eu não preciso “saber que sei” para conhecer uma coisa. Nas palavras do autor: “[...] para que eu saiba, não é mister que eu saiba que sei, e muito menos é mister saber que sei que sei [...]” (*Ibid.*, p. 47). Logo, não é necessário o regresso a uma ideia anterior a ideia em questão para que algo possa ser conhecido. Pelo

contrário, considerando que a ideia evidencia um reconhecimento do conhecimento, ao ter a ideia verdadeira de uma coisa eu devo, necessariamente, já ter conhecido essa coisa. Ou seja, “[...] para que eu saiba que sei, necessariamente devo saber primeiro” (*Ibid.*, p. 47).

Portanto, já que não é necessário “saber que sabe” para saber, Espinosa coloca que para obter a certeza de uma verdade basta ter a própria essência objetiva da verdade em questão. Ou seja, a justificativa de uma verdade só necessita de uma essência objetiva ou ideia adequada para garantir a certeza. Isso é o mesmo que dizer que a verdade não precisa de nenhum signo, “[...] mas é suficiente ter as essências objetivas das coisas ou, o que é o mesmo, as ideias, para que se elimine toda a dúvida [...]” (*Ibid.*, p. 47). Portanto, para sabermos qual o método verdadeiro, não seria necessário nada além de sua essência objetiva. Qual seria a essência objetiva do verdadeiro método? A própria verdade do conhecimento, ou seja, as essências objetivas das coisas conhecidas. Isso porque Espinosa iguala as noções de “verdade”, “essências objetivas das coisas” e “ideias adequadas”. Dessa forma, Espinosa pontua que o método não é um signo extraído de ideias já adquiridas, mas a via para que a verdade seja buscada. Logo, ao obter ideias adequadas, o método não seria então estruturado, já que ele já estaria presente desde o início do trabalho filosófico. Na verdade, ele seria desvelado através do reconhecimento desse conhecimento já possuído.

[...] o Método não é o próprio raciocinar para inteligir as causas das coisas, muito menos é o [próprio] inteligir as causas das coisas, mas é inteligir o que seja uma ideia verdadeira, distinguindo-a das demais percepções e investigando sua natureza, para que daí conheçamos a nossa potência de inteligir e assim coibamos a mente para que ela se intelija confirme aquela norma todas as coisas que são a inteligir, trazendo como auxílio regras certas e também fazendo com que a mente se fatigue com inutilidades. (*Ibid.*, p. 47).

O método verdadeiro emerge como esse elemento que está na própria certeza da verdade da ideia. Através do método, aquele que o usa deve então confirmar a verdade de uma ideia, tornando o método algo fundamentalmente secundário a ideia, pois como Espinosa já colocou: para saber que sei devo, primeiramente,

saber. Portanto, para saber que uma ideia é verdadeira devo, primeiramente, ter essa ideia. Logo, dizendo a mesma coisa com palavras diferentes: para saber qual o verdadeiro método devo, primeiramente, já possuir o verdadeiro método. Reconhecer uma ideia como verdadeira já é realizar uma operação através do método, logo, se tenho uma ideia verdadeira e sei que ela é verdadeira o método já foi empregado. Ou seja, “[...] o Método não é nada mais que conhecimento reflexivo ou ideia da ideia [...]” (*Ibid.*, p. 49). Por “ideia da ideia”, Espinosa entende o movimento reflexivo, no sentido de voltar-se sobre si mesmo, realizado na ideia para averiguar sua verdade. Essa operação é o verdadeiro método: nada além do conhecimento que volta sobre si mesmo.

A partir disso, podemos refletir sobre um certo caráter de imanência que essa concepção de método expressa. Isso porque essa concepção de método nos impede de dissociá-lo do processo do conhecimento mesmo que ele não seja o ponto de partida. O método naturalmente se desvela durante a investigação. Isso é fundamental: o método é, de certa forma, descoberto por nós a partir de nossa própria inteligência. Além disso, como já foi estabelecido que o método é a “ideia da ideia”, para desvelar o método só é necessário uma ideia verdadeira que, necessariamente, devemos já possuir. Espinosa caracteriza essa ideia verdadeira como um “instrumento inato” já existente em nós, que “[...] sendo inteligida, simultaneamente [faz com que] se entenda a diferença que há entre tal percepção e todas as outras” (*Ibid.*, p. 49). Logo, a inteligência de uma ideia já existente em nós revela o método verdadeiro. Enfim, o método se torna um elemento naturalmente expresso durante o processo de conhecer que, por sua vez, assume um caráter de princípio imanente em relação ao método.

Analisar a relação do método com a ideia verdadeira e o intelecto através da noção de imanência ganha ainda mais profundidade quando pensamos na filosofia espinosana como um todo. Seguindo a estruturação apresentada na *Ética*, onde a substância (*natura naturans*) é o princípio imanente (E1P18) de todos os modos finitos (*natura naturata*) que, por sua vez, expressam essa natureza totalizante, podemos pensar o método verdadeiro como uma ex-

pressão das próprias capacidades do intelecto. Ou seja, uma expressão da natureza do intelecto que busca por compreender a si mesma, ou seja, a natureza totalizante (a substância). Nesse momento, em sua demonstração no *Tratado da Emenda do Intelecto*, Espinosa aponta para o “Ente perfeitíssimo”, ou seja, Deus, logo, a própria substância (E1P14). A relação entre método e substância é esclarecida no seguinte trecho:

E como é claro por si que a mente tanto melhor se entende quanto mais entende da Natureza, consta daí que tal parte do método haverá de ser tão mais perfeita quanto mais coisas a mente entender, e haverá de ser, então, perfeitíssima quando a mente atentar ou refletir sobre o conhecimento do Ente perfeitíssimo. (Espinosa, 2015, p. 49).

Através desse trecho podemos ver o caráter imanente do método em relação a natureza do intelecto, logo, a própria substância. O método é também a expressão da capacidade do intelecto de voltar-se sobre si mesmo e investigar sua própria natureza, portanto, mais uma vez, o método aparece como momento fundamental para a investigação filosófica. Trata-se de um “momento” por ser algo que é desvelado pelo intelecto a partir da ideia verdadeira e que, por sua vez, torna-se parte essencial do processo questionador filosófico e faz com que esse mesmo processo possa continuar da melhor maneira possível.

UM MÉTODO ANTICARTESIANO

Durante a exposição descrita acima, Espinosa também faz alusão a um exemplo metafórico que já havia sido usado por Descartes em seu texto *Regras Para a Direção do Espírito*. Nele, Descartes compara seu método às artes mecânicas, apresentando a imagem de um ferreiro privado de todas as suas ferramentas para realizar seu ofício (Descartes, 1985, p. 31). Inicialmente sem as ferramentas necessárias, o ferreiro se serviria de materiais rústicos para começar seu ofício, usando uma pedra como martelo, por exemplo. Descartes então afirma que, antes de prosseguir para a realização de seu ofício, construindo espadas e outros objetos, o ferreiro faria ferramentas melhores com as rústicas que conseguiu juntar. Em outras palavras: usando a pedra que ocupa a função de martelo, o ferreiro construiria um martelo de fato, pra então

produzir aquilo que deve (espadas, capacetes, etc.). Descartes compara essa narrativa ao modo como devemos empregar o método na investigação filosófica: depois de agregar um grupo de preceitos que parecem ser inatos à nossa mente, não devemos imediatamente tentar solucionar robustos problemas filosóficos com eles, mas devemos procurar nesses preceitos o que há de necessário para a investigação da verdade. Ou seja, primeiro devemos investigar e desenvolver o método para então buscar a solução de problemas colocados pela investigação filosófica.

Isso se parece, em certa medida, com o que vimos do método espinosano. Afinal, o método em Espinosa também é este momento da reflexão filosófica que é posterior a um ponto de partida. Podemos entender o ponto de partida em Espinosa como a primeira ideia verdadeira, e fazer uma relação com o ponto de partida colocado por Descartes: “preceitos que parecem ser inatos à nossa mente” (*Ibid.*, p. 31). Num primeiro olhar, ambos os filósofos parecem falar do mesmo método, que é um pensamento endossado pelo fato de que ambos usaram um método “geométrico” em suas filosofias. Contudo, existe uma diferença sutil entre o método espinosano e o método cartesiano. Essa diferença não diz respeito a estrutura geométrica do método, necessariamente, mas sim a forma como ele é compreendido para além de sua estrutura, ou seja, o fato de que este método é um elemento estruturante de um sistema metafísico (no “sentido moderno”), e não somente matemático.

Mas como essa diferença é apresentada no texto? Espinosa reconstrói a mesma imagem do ferreiro que não possui suas ferramentas de trabalho no *Tratado da Emenda do Intelecto*. Contudo, o motivo pelo qual Espinosa resgata esse exemplo metafórico é para desarmar o problema do “regresso ao infinito” que emerge da justificação de veracidade do método, que já foi apresentado aqui neste texto. Logo depois de afirmar que não é necessário um método mister para definir qual o método verdadeiro, e assim seguir esse processo infinitamente, Espinosa coloca:

Mas, na verdade, o caso aqui se comporta do mesmo modo os instrumentos corpóreos, sobre os quais seria lícito argumentar da mesma maneira. Porque, para forjar o ferro, é mister um martelo, e para que se tenha um martelo, é necessário fazê-lo, para o que é mister outro

martelo e outros instrumentos, para cuja obtenção também haverão de ser mister outros instrumentos, e assim ao infinito; e desse modo alguém frustradamente se esforçaria em provar que os homens não tem poder algum de forjar o ferro. (Espinosa, 2015, p. 43).

A partir desse trecho, vemos que Espinosa recupera o problema das ferramentas de Descartes para fazer uma espécie de “redução ao absurdo” com a mesma imagem. Por um lado, trata-se de um exemplo metafórico, portanto levá-lo ao absurdo é, de certa forma, quebrar sua função original. Contudo, ao mostrar como, na realidade das coisas, a imagem do ferreiro que primeiro constrói todas as suas ferramentas para então realizar seu ofício como movimento natural das artes mecânicas é absurda, Espinosa mostra que a forma como Descartes coloca essa metáfora é de uma tremenda idealidade (em contraposição à realidade). Afinal, ao fazer seu primeiro martelo rústico, usando pedras e outros materiais, ele prossegue tentando fazer um martelo melhor. Ou seja, o ferreiro de Descartes já sabe o que é um bom martelo sem ter feito uma única espada. Torna-se uma metáfora curiosa, na medida em que o ferreiro já se entende como ferreiro e sabe que precisa de um bom martelo e uma boa bigorna para fazer utensílios metálicos de qualidade, portanto, ele também sabe como fazê-los. Logo, o ferreiro de Descartes já conhece todo o percurso de seu desenvolvimento antes mesmo de iniciá-lo, o que é um absurdo. Espinosa descola essa imagem para um contexto menos ideal, colocando a questão do desenvolvimento das artes mecânicas ao longo do tempo em primeiro plano:

Mas, do mesmo modo pelo qual os homens, de início, foram capazes de fazer com instrumentos inatos algumas coisas fáceis, ainda que laboriosa e imperfeitamente, e uma vez confeccionadas estas, confeccionaram outras mais difíceis com menor labor e mais perfeitamente, e assim, prosseguindo gradativamente de obras simplíssimas a instrumentos a outras obras e instrumentos, perfizeram com pequeno trabalho tantas e tão difíceis coisas, assim também o intelecto, com sua força nativa, faz para si instrumentos intelectuais, e com essas obras, outros instrumentos, ou seja, um poder de investigar mais adiante; e assim, gradativamente, avança até que atinja o cume da sabedoria.” (*Ibid.*, p. 45).

Como podemos averiguar, a reconstrução espinosana drena parte da idealidade de Descartes, mesmo que ainda seja um exemplo metafórico. Espinosa faz isso posicionando a metáfora dentro do que seria o processo histórico de desenvolvimento das artes mecânicas. Ou seja, nunca houve um primeiro ferreiro que, já se reconhecendo como ferreiro, seguiu para a confecção de todas as ferramentas que precisava. Na verdade, as artes mecânicas foram um processo que ainda está em andamento até os dias atuais. As ferramentas usadas no ofício não foram desenvolvidas em sua máxima eficiência para que então ele pudesse ser realizado. As ferramentas se desenvolveram ao longo do tempo simultaneamente às artes mecânicas. Ou seja, o desenvolvimento das ferramentas foi/é parte do desenvolvimento das artes mecânicas até hoje. Se quisermos expandir ainda mais a metáfora, pensaríamos como as artes mecânicas continuaram a evoluir após o século de Descartes e Espinosa. O domínio da moldagem de metais evoluiu para a atual engenharia mecânica, viabilizando máquinas capazes de abrir novas possibilidades de construções metálicas. Enfim, o desenvolvimento e criação de ferramentas são parte constante do processo enquanto ele prossegue, e é isso que Espinosa quer provar recolocando a imagem cartesiana.

Como essa nova metáfora se traduz na reflexão sobre o método? O método deixa de ser essa “segunda etapa” do raciocínio filosófico, considerando a percepção das ideias inatas à mente como a “primeira etapa”. O método, segundo Espinosa, estaria sempre no pano de fundo do raciocínio filosófico mas, assim como o conhecimento filosófico, o método também estaria em constante reavaliação e reconstrução. Isso porque o método espinosano não é uma forma na qual o conteúdo do conhecimento é encaixado para que então a verdade possa ser relevada, mas é a própria expressão da verdade do conteúdo do conhecimento. Portanto, o método espinosano é, fundamentalmente, anticartesiano. Ele vai contra o princípio mais fundamental da metodologia de Descartes: o método é um elemento necessário para a revelação da verdade filosófica. No caso de Espinosa, tanto o método como a verdade do conhecimento nos aparecem simultaneamente, e os dois estão numa constante relação de construção simultâ-

nea. Enquanto o método cartesiano responde ao problema de como começar o raciocínio filosófico, o método espinosano vai além: ele não só desarma o problema do início da reflexão filosófica, mas também sistematiza o movimento do progresso do conhecimento ao longo do tempo.

Dito isso, podemos perceber que a forma como abordamos o método geométrico espinosano não deve ser a mesma com a qual entendemos o método cartesiano. Na verdade, se consideramos o método usado à maneira de Descartes como o “método geométrico” por excelência, seria mais adequado dizer que o método espinosano é inspirado pela geometria ou ordenado à maneira dos geômetras, repensando o subtítulo original da *Ética*. Se o método geométrico padrão é o cartesiano, o que é diferente considerando o espinosano? Primeiro, podemos pensar numa leitura que iguala ambos os métodos, e lê a *Ética* da mesma forma que o *Discurso do Método*, ou seja, que considera as definições e axiomas espinosanos como completos e indubitáveis, que necessariamente devem ser aceitos para que a filosofia espinosana mostre seu potencial. Entender a *Ética* dessa forma é considerar o método espinosano como uma moldura, na qual o conhecimento verdadeiro terá de se encaixar dentro.

Porém, se considerarmos o método espinosano como foi descrito no *Tratado da Emenda do Intelecto*, podemos pensar as definições e axiomas dos livros que compõem a *Ética* como as ferramentas rústicas que estão disponíveis no início da reflexão. Espinosa coloca um grupo de afirmações ao início de cada livro da *Ética* para que o leitor possa usá-las de ferramentas para compreender sua filosofia. Por isso que, inicialmente, essas definições axiomas não são acompanhadas de uma justificativa, ou seja, são vazias de conteúdo verdadeiro. O leitor deve aceitar essas afirmações não de uma maneira dogmática, mas pragmática. Posteriormente, durante a exposição das proposições, as afirmações vazias e expressões obscuras como “substância” vão ganhando conteúdo e, conseqüentemente, objetividade.

CONCLUSÕES

Portanto, de fato, trata-se de uma filosofia estruturada de maneira geométrica, com definições e axiomas que resultam em proposições

através de um processo dedutivo. Contudo, a *Ética* é uma grande exposição de um sistema metafísico, e não matemático. Dessa forma, o conteúdo daquilo que é colocado também tem sua importância, ao contrário de uma demonstração matemática onde todos os números expressam o mesmo elemento: quantidade. Logo, mesmo que a estrutura da demonstração geométrica permaneça a mesma em Espinosa, a forma como o conteúdo presente nessa demonstração é visto pode assumir uma forma não intuitiva. Ou seja, a forma como Descartes aplicou seu método geométrico não torna ela a única maneira de pensar a filosofia em termos geométricos.

Em tom conclusivo, podemos destacar que: o método espinosano é anticartesiano porque vai contra o princípio de Descartes que o método é anterior ao desenvolvimento do conhecimento. Contudo, a estrutura da demonstração geométrica é a mesma para os dois filósofos. A diferença sutil está na forma como os dois autores interpretam a estrutura geométrica do método. Além disso, como vimos, Espinosa problematiza mais o método, levando em consideração certos elementos que Descartes não comenta. Isso é possível na medida em que, mesmo usando uma estrutura fixa (a da demonstração geométrica) o conteúdo do raciocínio é muito mais amplo que o conteúdo matemático. Dessa forma, Espinosa foi capaz de cunhar um “método geométrico não-cartesiano”.

BIBLIOGRAFIA

DESCARTES, René. *The Philosophical Writings of Descartes*. Tradução: John Cottingham, Robert Stoothoff, Dugald Murdoch. Cambridge: Cambridge University Press. 1985.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. 2. ed. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica. 2017.

ESPINOSA, Baruch. *Tratado da Emenda do Intellecto*. Tradução: Cristiano Novaes de Rezende. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2015.

